

Tradução

JOSE MARTI E O MARXISMO: A QUESTÃO DA RESISTÊNCIA ATUAL ANTI-IMPERIALISTA.

Luciano Vasapollo¹

Tradução de Antônio de Pádua Bosi²

Durante a vida de Jose Marti, a maioria de seus escritos, dispersa entre aproximadamente vinte artigos, ficou conhecida pela forma concreta com que foi difundida, isto é, por meio de revistas, discursos, cartas, mas nenhum livro. Seu principal texto foi “Nuestra América”. Martí foi um pensador (estudioso, teórico) que não deixou uma obra orgânica. Seu pensamento, em primeiro lugar, está dividido em vários textos. Enquanto tentou-se superar esta fragmentação e apresentar um corpo único e coerente desses textos, sua intensa vida de homem de ação passou ao segundo plano. É importante lembrar que Jose Marti viajou muito devido à necessidade do exílio que lhe foi imposto. Isto permitiu a ele conhecer diretamente o nascimento do monstro imperialista estadunidense.

Martí não era um marxista, ainda que exista razão para se pensar que ele tenha lido Marx, particularmente o Manifesto do Partido Comunista. Há referências a Marx (“aquele homem com alma de seda e um punho cerrado”, nas palavras de Marti) e ao seu trabalho em vários dos artigos de Marti. O nome de Marx encontra-se freqüentemente misturado aos nomes dos socialistas utópicos como o de Bakunin. Porém, ainda que admirando e elogiando o valor e a conduta de Marx pela forma com que abordou os explorados, Marti não parece ter aprofundado as premissas fundamentais do marxismo.

De qualquer modo, é razoável supor que a acusação freqüentemente feita a Marx, de que seu trabalho não incluía o Terceiro Mundo devido ao fato da debilidade política da classe revolucionária naquele lugar, seja – ainda que forte – uma explicação parcial para a falta de maior atenção de Marti dada a Marx. A isso, acrescenta-se que as perspectivas revolucionárias do

1 É Professor da Faculdade de Ciências Estatísticas da Universidade La Sapienza de Roma. É diretor do CESTES e da Revista PROTEO. É membro do CIRPS (Centro Inter-universitário para o Estudo dos Países em Desenvolvimento). Agradecimento.

2 Professor Adjunto Doutor dos cursos de graduação e mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. É associado ao Laboratório de Pesquisa “Trabalho e Movimentos Sociais” e Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Araucária/PR.

final do século XIX não eram as mesmas dos países capitalistas já desenvolvidos e suas colônias. A esse respeito, Che Guevara foi perfeitamente claro:

“Podemos evidentemente contestar algumas afirmações de Martí, na condição de pensador e investigador das doutrinas sociais e do sistema capitalista que viveu. Nós latinoamericanos, podemos, por exemplo, não concordar com sua interpretação sobre Bolívar ou com a análise que fizeram os mexicanos sobre Engels, descontando algumas teorias sobre a raça e a nacionalidade que hoje são inadmissíveis. Mas os grandes homens, descobridores das verdades luminosas, vivem para além de seus erros e estes servem somente para demonstrar que são humanos; é como dizer que podem equivocar-se, mas com a clara consciência da grandeza a eles atribuída pelo seu pensamento. É por essa razão que reconhecemos os pressupostos essenciais do marxismo como reincorporados ao patrimônio cultural e científico dos povos e os consideramos como algo de simples compreensão”.

Desafortunadamente, Martí faleceu muito cedo e não teve a possibilidade de ver seus discípulos, na América latina e no resto Terceiro Mundo, cinquenta anos depois de sua morte, interpretarem e relacionarem os escritos de Marx e Engels à causa da independência e do desenvolvimento de uma sociedade anti-imperialista e anti-capitalista. De fato, é suficiente lembrar o que declarou Fidel Castro em 1953, ao dizer que o responsável intelectual pelo ataque ao Quartel de Moncada foi Martí; e também os vários discursos de Guevara que se referiram a Martí, bem como a sua belíssima mensagem *Tricontinental*³.

Então é difícil estabelecermos a importância de Marx com o pensamento de Martí. De qualquer forma, é preciso observar um determinado número de coincidências de raciocínios e paralelos de idéias fortes entre os dois, procedentes de seus pensamentos comuns para as massas sofredoras e os povos oprimidos. Do mesmo modo, também há coincidências e paralelos que podemos encontrar entre o marxismo-leninismo e com os revolucionários marxistas-leninistas.

É importante sublinhar que o imperialismo criticado por Martí não é o mesmo que Lênin definiu muitos anos depois. No final do século XIX, o imperialismo expandiu-se, sobretudo territorialmente. De qualquer modo, resta o fato de que o terreno comum mais importante entre o marxismo e o pensamento de Martí seja a questão do imperialismo. Isto explica a importância de Lênin como elemento da união entre Martí e Marx. Temos que conceder a Martí, que foi a primeira pessoa a entender não somente a importância do

3 A *Tricontinental* é uma revista marxista criada em 1967. O texto citado por Vasapollo é a “Mensagem aos Povos do Mundo Através da *Tricontinental*”, escrita por Guevara e lançada em 16 de abril de 1967, num Suplemento Especial dessa revista, antecipando seu primeiro número. (Nota do Tradutor)

imperialismo e do colonialismo, mas também o papel que nesses dois âmbitos teve os Estados Unidos.

Martí viveu nos Estados Unidos durante seu exílio, aproveitando sua permanência e seu trabalho como correspondente no exterior de algumas revistas para estudar o papel que este país jogava na região latino-americana, convertendo-a naquele momento em seu “quintal”, lugar de seu poderio militar e comercial. Conseqüentemente, Martí tinha muito clara a importância de opor-se a força e a arrogância dos poderes coloniais e imperialistas em geral, mas, sobretudo, ao expansionismo estadunidense. Além de tudo mais, ele sabia, e isso é evidenciado em todos seus escritos e discursos políticos e intelectuais, que Cuba teria um posto especial na luta contra o imperialismo estadunidense. As razões geográficas, políticas e militares que justificam a importância de Cuba nesse contexto são mais claras do que nunca e as abordarei mais à frente. É preciso notar também a confirmação do empenho anti-imperialista de Martí, sua confissão a Manuel Mercado⁴ antes de seu falecimento, deixando explícito que toda sua produção foi caracterizada por um sentimento anti-imperialista. Nos escritos de Martí encontramos também referências explícitas a África, Ásia e à luta comum que naqueles continentes se travava. Percebe-se nitidamente que Martí sofreu as conseqüências negativas da ingerência estadunidense. Num artigo de 1889, “*Un Paseo por la Tierra de los Anamitas*”, realizou uma reflexão sobre a situação na Indochina. Tudo isto é significativo, pois se um paralelo com Martí existiu no século XX, este foi com Ho Chi Minh⁵, que por casualidade havia também nascido no ano em que Martí escreveu o artigo sobre a Indochina. O paralelo entre esses dois revolucionários pode também ser encontrado no fato de que ambos deixaram seus países durante a adolescência para viverem outras experiências, sobretudo em países desenvolvidos. Ambos apresentaram um interesse pela política numa idade precoce e se dedicaram à causa dos oprimidos (ainda que Ho Chi Minh tenha trilhado um caminho marxista-leninista). Martí publicou seu primeiro trabalho contra o despotismo e o colonialismo aos 18 anos de idade: “*El presidio político en Cuba*”. Estes dois homens fundaram partidos revolucionários e lutaram pela independência de seus países. Depois do falecimento de Martí, muitas de suas reflexões sobre a questão do imperialismo foram discutidas por Hobson⁶ que, por sua vez, foi abordado por Lênin em seu “*Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*”. Também é importante

4 Trata-se de carta escrita em 18 de maio de 1895 para Manuel Mercado, amigo e correspondente de Jose Martí. Tal “confissão” teve força de testamento político, antecedendo em um dia sua morte acontecida durante a Batalha de Dos Rios travada contra tropas espanholas. (Nota do Tradutor).

5 Ho Chi Minh, nascido em 1890 e morto em 1969, foi líder do Partido Comunista do Vietnã.

6 Trata-se de John Hobson, inglês que publicou “O Imperialismo”, em 1902. Cabe ressaltar que em Lênin este autor é bastante criticado como reformista. (Nota do Tradutor).

evidenciar o nome de outro personagem relevante na emancipação do Terceiro Mundo, Ho Chi Minh, que não obstante tivesse defendido o marxismo-leninismo no começo de sua atividade, pode ser indicado como um tipo de paralelo moderno a Martí e também um estudioso do trabalho de Lênin. Em 1924, Ho Chi Minh, intervindo no V Congresso da Internacional Comunista, disse com clareza que os partidos comunistas da França e da Inglaterra tinham que tomar uma posição sobre a questão colonial, para que seus programas não fossem palavras vazias. Como Martí, Ho Chi Minh sabia perfeitamente que a luta anti-colonialista não era uma luta contra o povo francês ou espanhol, mas era uma luta para contribuir com a emancipação de todos os povos. A afirmação de Fidel Castro, em 1953, de que a responsabilidade intelectual do ataque a Moncada era de Martí não foi um exagero. É preciso sublinhar, para lembrar e refletir, que Martí fazia referência àquela que denominava “nuestra América Mestiza” como sendo um novo mundo não determinado racialmente. Sobre isto, é triste que as desigualdades econômicas associadas às raciais na América Latina, assim como nos Estados Unidos, existam ainda em nossos dias. O sonho de Martí sobre uma América nativa ainda tem que ser descoberto e explorado e suas potencialidades.

Tendo dito tudo isto e havendo evidenciado na introdução os paralelos e as semelhanças entre Martí e os revolucionários marxistas-leninistas do século XX, refiro-me agora a outra antecipação de Martí: aquela do partido revolucionário, o coração e a estratégia das lutas anti-coloniais de tipo marxista do século XX. Embora não tenha sido um marxista, Martí tinha claro não somente a necessidade de eliminar o jogo colonial, mas também de realizar profundas reformas políticas e econômicas para se conseguir uma verdadeira emancipação. Nesse contexto é que se desenvolveu, lentamente é verdade, sua idéia de partido revolucionário.

Martí, que presenciara o funcionamento da política de partidos nos países “desenvolvidos”, não pôde se limitar a rejeitá-los simplesmente. Um partido revolucionário tem que usar métodos diferentes e não desejar somente chegar ao poder. A idéia era trabalhar no sentido de construir um exemplo para outros países envolvidos em lutas de libertação: sua idéia de revolução era de caráter antiimperialista e internacionalista. O partido revolucionário de Martí teria que ser um partido de militantes ativistas e revolucionários dedicados à causa. Os militantes teriam também que apoiar economicamente o partido para demonstrar na prática sua dedicação à causa. Além disso, e muitos se mostrariam contrários ou surpresos, teria que ser um partido para a luta armada; a insistência sobre a organização e a importância da obediência aos líderes encontra uma explicação nesta organização de tipo político-militar.

O partido teria que ser uma organização realmente popular: Martí criou seu Partido Revolucionário de Cuba com os trabalhadores do tabaco, os trabalhadores emigrados cubanos e os artesãos. E o partido criado por ele

seguramente pode ser definido como progressista, um partido popular e proletário, do povo. De fato, Martí escreve estas palavras em Cuba, em junho de 1892:

“Os partidos políticos que têm que ser mantidos são os partidos que nascem da consciência pública; os partidos que chegam a ser a força visível da alma do povo, seu braço e sua voz; os partidos que não têm como objetivo o benefício de um homem interessado ou de um grupo de homens; não têm que ser organizados com a pressa indigna do interesse pessoal; mas deve ser organizado como se organiza o Partido Revolucionário Cubano, com a implicação e a espontaneidade da opinião livre”.

A base do partido deveria saber se envolver num partido insurrecional, como demonstrado claramente pelo segundo dever de seus filiados: *“Uma organização revolucionária para fora e para dentro”*. É útil mencionar também o primeiro dever: *“tratar de realizar os objetivos do programa com qualquer meio possível e necessário, sem hesitações”*.

Chama a atenção em seguida a analogia com os partidos de inspiração leninista; por exemplo, na Resolução de Lênin sobre a insurreição armada (1905) estabelecendo que o proletariado poderia dirigir sua revolução somente sob a bandeira do partido que levava a luta ideológica e prática. Isto é análogo ao que Martí pensava sobre a organização político-militar que tentava conferir ao partido. Não tem que se ter medo de explorar o aspecto que faz referência ao apoio popular dado à causa revolucionária. Por mais tímido que fosse esse apoio, mais o partido teria que ser forte e organizado militarmente: do contrário, se o povo está unido, não se tem a necessidade da organização militar nem de uma luta violenta.

Martí, e isto seguramente justifica em parte sua firmeza político-militar, conhecia a força militar estadunidense. Ele havia compreendido totalmente o perigo que ameaçava a América Latina devido ao cerco do poder imperialista e de suas enormes ambições expansionistas. Ele contribuiu para começar a guerra visando a independência de Cuba, pois o mesmo imperialismo contra o qual lutou tanto, foi capaz de penetrar em Cuba e anular a idéia de independência absoluta, moldando-a ao neo-colonialismo por mais de cinquenta anos. “As revoluções são estéreis quando não se firmam com as canetas nas escolas e com o arado nos campos”, disse Martí. E sua revolução teve que esperar muito para que não fosse derrotada, começando a se firmar em 1º de Janeiro, 67 anos depois de haver começado a insurreição, “com as canetas nas escolas e com o arado nos campos”. Mais importante é que Martí estava seguro que a luta fora latino-americana e não simplesmente cubana ou caribenha.

Finalmente, ele viveu no período em que o imperialismo estadunidense estava empenhado em conquistas militares de novos territórios. Isto marca

uma grande distância entre Martí e os marxistas-leninistas que puderam examinar diretamente a importância do aspecto econômico do imperialismo e realizar análises teóricas mais articuladas e precisas. Martí sabia algo ainda mais importante, isto é, que a luta não estava confinada a um só continente: todo o resto do Terceiro Mundo estava sob a pressão do imperialismo e do colonialismo. Martí, como já mencionei, não se considerava responsável apenas pela libertação de Cuba e de Porto Rico. Tinha uma visão verdadeiramente internacionalista: considerava-se responsável por toda “Nuestra América”, esta nova entidade por ele desejada. Também Ho Chi Minh tinha um forte interesse por toda a Indochina e pelos países colonizados e também pelas classes populares urbanas. Ambos olhavam a libertação das classes oprimidas das cidades: a luta anti-imperialista e anti-colonialista era somente um passo nesta direção. Suas vidas falavam a quem também hoje está envolvido no mesmo tipo de luta e de resistência anti-imperialista. Não temos que duvidar que Martí foi o tipo de homem, como disse Bertrand Russell, que pensava que ser testemunha de um crime sem entender a necessidade de atuar contra o mesmo seria o mesmo que cometê-lo. E hoje não é suficiente testemunhar os crimes e genocídios realizados pelo imperialismo na Palestina e no Iraque, por exemplo, ou o terrorismo de Estado e as guerras econômicas tais como o bloqueio contra o povo revolucionário de Cuba. As práticas secretas e militares do partido revolucionário de Martí são aspectos relativos às circunstâncias históricas particulares que hoje não podem ser propostas como tais, ainda que num contexto diferente seja compreensível a resistência popular armada popular pela autodeterminação dos povos contra as agressões e invasões imperialistas. Todos temos que pensar sobre a necessidade de organizarmos sempre, das mais diversas formas de luta, uma resistência global diversificada em função das condições político-sociais objetivas e subjetivas, mas fortemente unida contra o imperialismo, tendo como referência as idéias de Martí e seu tipo de ação. Sobre tudo, temos que estudar seus ensinamentos e a prática revolucionária voltada para a liberdade, a democracia e a justiça social